

TURISMO URBANO, MEMÓRIA, ALTERIDADE: ROMPENDO BOLHAS E RESGATANDO IMAGINÁRIOS EM SALVADOR

URBAN TOURISM, MEMORY, OTHERNESS: BREAKING BUBBLES AND RESCUING IMAGINARY IN SALVADOR

Natalia Gabriel Rodrigues*

Resumo: O que se pretende com esse artigo é refletir sobre as possibilidades dos modos de fazer cidade, considerando sua complexidade e contradições. Ultrapassando os limites estabelecidos pelas bolhas turísticas (JUDD, 1999 *apud* HAYLLAR *et al.*, 2011) ou de um urbanismo bolha (FERNANDES, 2013), as ideias apresentadas ao longo do texto apontam direções outras, para além dos moldes mercadológicos e corporativos. Dividido em quatro partes, a discussão teórica a partir de pesquisa bibliográfica, documental e digital passa pelos temas como a cidade espetáculo, segregação socioespacial, políticas e estratégias de esquecimento, considerando algumas realidades presentes na cidade de Salvador como exemplo, memória e imaginários urbanos. Por fim, o artigo chega a importância da alteridade através dos encontros na cidade, da perspectiva do turista e do morador, quando as bolhas estabelecidas são rompidas.

Palavras-chave: Fazeres da Cidade. Estratégias de Esquecimento. Memória. Turismo. Cidade.

Abstract: The purpose of this article is to reflect on the possibilities about the ways of doing city, considering their complexity and contradictions. Going beyond the limits established by tourist bubbles (JUDD, 1999 *apud* HAYLLAR *et al.*, 2011) or a bubble urbanism (FERNANDES, 2013), the ideas presented throughout the text point to another directions, besides the market and corporate molds. Divided into four parts, the theoretical discussion goes through themes such as the spectacle city, socio-spatial segregation, policies and strategies of oblivion, considering some realities present in the city of Salvador as an example, also themes as memory and urban imaginaries. Finally, the article arrives at the importance of alterity through encounters in the city, from the perspective of the tourist and the resident, when the established bubbles are broken.

Keywords: Ways of Doing City. Strategies of Forget. fulness. Memory. Tourism. City.

1 Estabelecendo cenários para um turismo-cidade: o turista e seu lugar

Partindo das discussões sobre a vida nas cidades contemporâneas, consideraremos o conceito de sociedade do espetáculo de Debord (2003, p. 110), enquanto “Essa sociedade que suprime a distância geográfica, amplia a distância interior, na forma de uma separação espetacular. Subproduto da circulação das mercadorias, a circulação humana considerada como consumo, o turismo, reduz-se fundamentalmente à distração de ir ver o que já se tornou banal”. Nesse sentido, o presente artigo propõe refletir sobre as maneiras como planejamos e fazemos Turismo Urbano¹. Serão abordados alguns dos impactos sociais e espaciais como

* Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia. Turismóloga graduada pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: ngr.tour@gmail.com.

¹ A definição que mais se aproxima com a perspectiva que se aborda neste trabalho é o “Turismo em cidades ou outros espaços urbanos, orientado para o contato com as vivências nesses espaços e, em particular, para o seu patrimônio histórico-cultural e artístico”. MARRAFA, P. R.; AMARO, S.; MENDES, R. P.; CHAVES, S. Lourosa. **LexTec - Léxico técnico do português:** ambiente, banca, comércio, construção civil, direito comercial

consequência da atividade turística, para então pensar possibilidades outras onde temas sobre memória e imaginários que constituem a história de uma cidade serão fundamentais. Da maneira como o turismo de massa é promovido, é evidente como pacotes turísticos ofertados por agências de viagem² acabam por distanciar aqueles que visitam uma cidade de sua dinâmica, por isso muitas vezes turistas estão fora do contexto daquele local, quando poderiam estar mais próximos ou mais abertos ao outro.

Relacionando turismo e urbanização, vemos no modelo adotado em diferentes processos de revitalização urbana, cidades inteiras ou partes delimitadas sendo criadas, determinando novos usos e concentrando ícones arquitetônicos. Nessa relação, são forjados espetáculos e comportamentos para concepção e consumo de atrativos homogeneizados, fenômeno definido como bolhas turísticas por Urry (1990 *apud* HAYLLAR *et al.*, 2011, p. 5). Tal conceito é usado para:

Denominar a área em uma cidade criada e gerida exclusivamente por turistas. Tal bolha compreende um cenário turístico meticulosamente formulado e administrado, e que pode também estar isolado dos problemas sociais e ambientais que afetam a cidade, como decadência estrutural, criminalidade e miséria. Judd (1999 *apud* HAYLLAR *et al.*, 2011, p. 104).

Sobre as bolhas turísticas, Judd (1999) diz que funcionam “como um parque temático [com] locais padronizados... produzidos para a massa, quase como se fossem feitos em uma fábrica de infraestrutura turística” Judd (1999 *apud* HAYLLAR *et al.*, 2011, p. 12). Impulsionados pela ideia financeira de competição entre cidades, os governos de diferentes localidades utilizam-se da atividade turística para atrair maior capital em seu território, disseminando as bolhas turísticas, de maneira que o encontro com o outro seja mais difícil (ou quase impossível). Assim, o turismo se apresenta como atividade ideal para proporcionar essa dinâmica pós-moderna de consumo dos espaços que movimenta fluxos de capital, pessoas e práticas – determinando fronteiras entre a cidade dos moradores e a cidade espetáculo, sem pontes e conexões entre as duas. Dentro dessa dinâmica, é importante ter o entendimento de que enquanto lazer é um direito social, viajar é um privilégio.

internacional, economia e gestão de empresas, energia, seguros, turismo, telecomunicações. Instituto Camões, 2009. Disponível em: <http://instituto-camoes.pt/lextec> Acesso em: 10 mar. 2019.

² Tomemos como exemplo aqui os pacotes criados por grandes agências de viagens no formato de roteiros em que o turista percorre mais de um país em poucos dias (muitas vezes, com um guia que fala português), lhe faltando tempo para conhecer mais sobre o destino ou para ter uma mínima aproximação cultural. “A maior operadora de turismo da América Latina”, como se apresenta a CVC, oferece “Roteiros de volta ao mundo”, Disponível em: <https://www.cvc.com.br/> Acesso em: 15 mar. 2019.

2 Turismo e fazeres da cidade: pensar para além de modelos hegemônicos

Das cidades – ou parte delas - reduzidas a produto para negociação e imagem para consumo (relacionada também a modos de fazer Turismo, como dito), vemos como articulações entre o setor privado e seu consorciamento financeiro com o Estado, determinam políticas públicas que afetam diretamente o espaço urbano e suas relações (FERNANDES, 2013, p. 87). Os impactos disso são violentos, realidade de muitas cidades em diferentes contextos, onde desigualdades são reforçadas estabelecendo fronteiras, separações, homogeneizações e apagamento daquilo que não é desejado para determinado espaço - já que para que alguns interesses sejam atendidos, existências precisam estar fora da cena.

Nesse jogo de interesses financeiros com reflexos na cidade, como mostrado até agora, há os que não fazem parte por não caberem nas regras do jogo. Em cidades onde padrões, normas e repetições se fazem presentes o tempo inteiro, forja-se uma,

Estética feita para parecer, minuciosamente, espontânea e casual. A marcação de limites é propositalmente disfarçada. Os muros são para o lado “de fora”, para o outro, diferente. Antes, por causa dele. O que se passa entre os muros? Recusa da cidade? É possível afirmar que haja ali a negação da experiência urbana? Certamente, há a redução dos encontros, o empobrecimento da experiência social no assoreamento das trocas, na tirania da regulamentação, tributária do *medo da cidade* e do *medo na cidade*, preocupação central que alimenta as espacialidades urbanas contemporâneas, segundo Beatriz Sarlo (NOGUEIRA, 2013, p. 53).

O turismo opera dentro de estéticas estabelecidas, dos padrões internacionais, que divertem aqueles que podem fazer parte dessa forma de viajar ou de viver, sendo normalmente muito bem recebidos por onde se hospedam (algumas vezes numa rede de hotel que se repete pelo mundo inteiro, com o mesmo padrão³). Será preciso sair da cena forjada e calculada das bolhas do turismo massivo e consumista para repensar as práticas que ditam as maneiras como estamos nos relacionando com diferentes cidades visitadas, um consumo alienado dos espaços pensados para essa dinâmica. Isso é apenas o reflexo da maneira como vivemos nossas bolhas cotidianas, já que os lugares que ocupamos na sociedade representam nossas formas de viajar e fazer turismo. Ou seja, é necessário repensar “modelos de sucesso” adotados, as maneiras como fazemos turismo, e, sobretudo, como fazemos a própria cidade.

Em uma perspectiva que considera os moradores e a os efeitos das bolhas turísticas, o processo de turistificação precisa ser considerado e se refere a privatização do espaço público com o intuito de movimentar interesses turísticos e econômicos que

³ Temos a rede Ibis como exemplo. Disponível em: <http://www.ibis.com/brasil/index.pt-br.shtml>. Acesso em: 12 set. 2019.

impulsionam a segregação espacial e exclusão social, conforme proposto pelos autores Oliveira e Oliveira (2012). Gentrificação⁴ nas cidades contemporâneas também se insere nesse contexto, onde pessoas são removidas de seus territórios para abrir espaços de maior interesse do e para o capital. Ou seja, partes da cidade são modificadas de modo a atender interesses mercadológicos preparados para a encenação, o que afeta a vida daqueles que nelas existem, resistem e habitam.

Os termos - turistificação, bolhas turísticas e gentrificação – fazem possível ver conexões bastante clara entre os impactos urbanos e as dinâmicas turísticas organizadas e geridas pelo Estado, importantes para o estudo sobre cidades. A partir deles, podemos ver diferentes maneiras de distanciamento e afastamento entre sujeitos e o território. Pensando nesse distanciamento, o turista que viaja condicionado dentro dos padrões hegemônicos e compreende a atividade partindo da dimensão econômica, consome os destinos visitados fica condicionado aos pacotes que compra, longe de perceber uma dinâmica da cidade e suas pluralidades. Nesses termos, os moradores que estabelecem relações com e na cidade, por sua vez, são distanciados e deslocados do seu território cotidiano para ceder espaço ao consumo, sendo eles mesmos por vezes objetificados enquanto personagens da cena turística. É nessa complexidade que se estabelecem conexões entre o turismo e as cidades, veremos como é possível pensar alternativas a esse modelo segregacionista.

Na conjuntura urbana contemporânea, o urbanismo corporativo é tomado enquanto prática hegemônica que articula modos de produção e reprodução do espaço pautado na privatização, lógica de mercado e captação de investimentos (FERNANDES, 2013). Algumas consequências dessa tendência são a especulação imobiliária, segregação socioespacial e violação de direitos e a definição de um urbanismo bolha, como aponta

⁴ Em sua definição primeira (conceito criado pela socióloga Ruth Glass e mobilizado no Brasil, por Silvana Rubino e pelo sociólogo Rogério Proença Leite, com atuação no campo da antropologia urbana) o termo refere-se a processos de mudança das paisagens urbanas, aos usos e significados de zonas antigas e/ou populares das cidades que apresentam sinais de degradação física, passando a atrair moradores de rendas mais elevadas. Os “gentrificadores” (*gentrifiers*) mudam-se gradualmente para tais locais, cativados por algumas de suas características - arquitetura das construções, diversidade dos modos de vida, infraestrutura, oferta de equipamentos culturais e históricos, localização central ou privilegiada, baixo custo em relação a outros bairros -, passando a demandar e consumir outros tipos de estabelecimentos e serviços inéditos. A concentração desses novos moradores tende a provocar a valorização econômica da região, aumentando os preços do mercado imobiliário e o custo de vida locais, e levando à expulsão dos antigos residentes e comerciantes, comumente associados a populações com maior vulnerabilidade e menor possibilidade de mobilidade no território urbano, tais como classes operárias e comunidades de imigrantes. Estes, impossibilitados de acompanhar a alta dos custos, terminam por se transferir para outras áreas da cidade, o que resulta na redução da diversidade social do bairro. ALCÂNTARA, Maurício Fernandes de. Gentrificação. In: ENCICLOPÉDIA de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2018. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/gentrificacao>. Acesso em: 19 ago. 2019.

Fernandes (2013, p. 85). Se considerarmos as políticas públicas atuais relacionadas ao planejamento urbano, não seria difícil verificar tais reflexos dessa produção do espaço hegemônica. Orientadas pelo capital e pelo mercado, políticas neoliberais se desdobram em urbanização e a cidade é reduzida a produto para negociação e imagem para consumo, sendo inúmeros os projetos urbanísticos que preveem grandes remoções de pessoas para criar algo financeiramente mais interessante, veremos como em Salvador existem exemplos disso.

3 Tendências corporativas e impactos socioespaciais: quatro cenários na cidade de Salvador (O Pelourinho, Mercado do Peixe, Rua do Couro e Fera Palace Hotel)

As ações de preservação e tombamento dos bens culturais, pelos quais o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1932 (ano de sua criação), são demasiado importantes para a valorização do patrimônio nacional (seja ele material ou imaterial), já que promovem diferentes formas de educação patrimonial nas cidades, sobretudo naquelas consideradas Cidades Históricas⁵. O que está em questão aqui, no entanto, é a maneira como essas ações vêm acontecendo.

Propostas de preservação, requalificação, reabilitação ou modernização dos espaços acabam funcionando dentro dessa lógica corporativa da qual abordamos anteriormente, que operam a partir de discursos e imperativos do embelezamento e melhorias nas cidades quando, na verdade, estão reduzidas a atender interesses mercadológicos em muitos casos. No planejamento do turismo também é evidente essa tendência corporativista, conduzido por políticas públicas em parceria com a iniciativa privada e práticas empresariais, e terminam por considerar as cidades como objetos (assim como o fazem muitos urbanistas com seus projetos urbanos) e cenários a serem consumidos. Traremos os seguintes questionamentos para contribuir nessa direção:

A essas emergências memoriais-patrimoniais do presente são lançadas algumas indagações importantes que balizam os estudos sobre esses processos: quais mecanismos são utilizados para transformar as memórias em patrimônio? Que atores sociais se envolvem nesse processo? De que memórias se fala e como são mobilizadas e transformadas nesse contexto? (FERREIRA, 2011, p. 103).

⁵ São os Conjuntos Urbanos Tombados, como descrito no site institucional do IPHAN, são “As cidades e os núcleos históricos representam as referências urbanas do Brasil. Nelas é possível vivenciar os processos de transformação do país, por meio da preservação de expressões próprias de cada período histórico. São lugares especiais de uma nação, constituem a base do Patrimônio Cultural Brasileiro e sua preservação é de responsabilidade da União, dos estados e municípios, e da sociedade civil”. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/123/> Acesso em: 13 set. 2019.

Pensar quais são os atores responsáveis por definir as memórias a serem preservadas é fundamental, já que esse processo diz respeito também as formas como entendemos e fazemos cidade. Entre os projetos urbanísticos e políticas neoliberais, estratégias como a do esquecimento são frequentes. A seguir veremos quatro breves e significativos exemplos para a cidade de Salvador (que refletem a realidade e aproximações com outras localidades) onde a memória e a resignificação respondem a tendências corporativistas, ligadas a gentrificação e suas conexões com o turismo:

1. O Pelourinho é um dos estudos de caso bastante mencionado quando se trata de Políticas Urbanas, Patrimônio e Turismo. Processos que afetam diretamente moradores dentro dessa lógica de produção do espaço hegemônica estão claramente presentes nessa região da cidade. Moraes e Goulart (2002), que escrevem sobre requalificação urbana, fizeram uma análise resumida das primeiras etapas do “Programa de Recuperação do Centro Histórico de Salvador” - iniciado nos anos 90 e dividido em 7 etapas, a última em andamento em 2019 - onde apontam vários problemas. Do artigo intitulado “Cenários sem atores, atores sem história”, destacamos a seguinte contribuição:

No Pelourinho assistiu-se a uma espécie de reedição do sanitarismo do final do século XIX, num formato ainda mais perverso se considerarmos que foi substituída a imposição de regras de civilidade e disciplina por intenções claras de promoção da gentrificação. O simples deslocamento da população residente para possibilitar a execução das obras nas edificações já constituiu fato suficiente para o seu desenraizamento, seja pela quebra de relações de convívio social cotidiano, seja pelas dificuldades de sua permanência em atividades exercidas na área. (MORAES; GOULART, 2002, p. 63).

Desse deslocamento da população, com uma eminente perda da função residencial do Pelourinho, outra dimensão tomou seu lugar: da exploração econômica baseada na atividade turística, transformando essa parte da cidade em particular em um cenário valorizado por seu caráter histórico e artístico, como apontado por Moraes e Goulart (2002, p. 63). Por esse caráter, inclusive, foi declarado pela Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciências e a Cultura (UNESCO) como Patrimônio Cultural da Humanidade⁶, em 1985, o que o reforçou e consolidou como destino turístico. O cotidiano dos moradores que continuam na região fica ameaçado constantemente por dinâmicas de uma vida submetida aos

⁶ A UNESCO diz sobre essa categoria de patrimônio o seguinte: “O patrimônio cultural é de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas. Patrimônio Cultural Mundial: é composto por monumentos, grupos de edifícios ou sítios que tenham um excepcional e universal valor histórico, estético, arqueológico, científico, etnológico ou antropológico” (UNESCO, 2018?). Disponível pelo site da UNESCO: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/world-heritage/cultural-heritage/> Acesso em: 19 jun. 2019.

efeitos de políticas neoliberais e, em realidade, não segue a definição de gentrificação, mas sim de tendências gentrificadoras (já que não os moradores antigos não são propriamente substituídos por outros de maior poder executivo, mas sim por diferentes usos e outras práticas econômicas).

É contraditório pensar que nesse Patrimônio Cultural da Humanidade, como dito, o descaso com os moradores locais seja tão marcante em diferentes momentos históricos. Mesmo antes dessa perda de função residencial, houve ainda uma perda do sentido e significado daquilo que já foi o Pelourinho e o que a própria palavra representa. Antes de sua atribuição enquanto patrimônio e seu valor turístico, o Pelourinho é lugar da memória e história desde a fundação da primeira capital do Brasil (também slogan publicitário do atual prefeito), por isso, carrega muitos sentidos e significados por vezes desconhecidos, sobretudo entre os turistas que passam por ele sem compreender as significações para além de um cenário. Também a maioria da população local de Salvador desconhece a história da própria cidade, como aponta a matéria do jornal “A Tarde” em 2015⁷ e reforça as ideias aqui ditas anteriormente. A reportagem inicia assim:

Um dos principais pontos turísticos de Salvador e patrimônio Histórico da Humanidade, o Pelourinho deslumbra os visitantes. A arquitetura, os casarões e as cores servem de atrativo à visita também de moradores. Contudo, muitos desconhecem o real significado e a história do lugar que nasceu como espaço de castigo dos escravos.

Ao longo da reportagem, vemos como o termo pelourinho carrega a definição de punição, sendo o equipamento utilizado com a finalidade de penalizar os negros que foram escravizados, sendo parte de uma memória nacional que deixa marcas até os dias atuais. No entanto, ao distanciar turistas ou moradores do próprio significado da palavra pelourinho e a história por trás dela, são produzidas alienações entre sujeitos, lugares e memória. No estudo do cientista social e Prof. Dr. Osmundo Pinho – que defende no Departamento de Antropologia da UNICAMP sua dissertação sobre o Pelourinho, as narrativas construídas sobre ele, relações sociais e a produção social do espaço – é apresentado como foi criada a ideia de Bahia, tendo na obra de Jorge Amado uma grande formação e difusão de imaginário sobre esse local. Anterior a este escritor, há um “processo ideológico-discursivo de formação de uma representação universalista e, portanto, arbitrária da ‘cultura baiana’” (PINHO, 1998,

⁷A reportagem que leva o seguinte título “Turistas ignoram história do Pelourinho”. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1728235-turistas-ignoram-historia-do-pelourinho>. Acesso em: 29 maio 2019.

p. 9). Sendo assim, conduzindo tais representações, outras memórias vão sendo criadas e fazem com que o Pelourinho seja distanciado de seu significado, passando então por ressignificações. Agora, é destino importante para o turismo no estado, representando sua cultura, alegria, diversidade e a “verdadeira” Bahia (PINHO, 1998, p. 6), ainda que seja o mesmo lugar histórico marcado por angústia, castigo e sofrimento. Esse processo de esquecimento poderia ser pensado enquanto uma estratégia para distanciar sujeitos e espaços em relação a história da cidade, portanto, de sua própria história.

2. Seguindo essa estratégia marcada pela ressignificação dos sentidos e esquecimento, vemos casos similares também em outras partes de Salvador, lembrando agora do antigo Mercado do Peixe no bairro do Rio Vermelho. O prefeito ACM Neto, alinhado às privatizações e reformas, faz com que o Mercado do Peixe deixe, iniciando sua história nos anos de 1950, deixe funcionar da maneira como era, dando lugar ao “espaço gourmet” que hoje se chama Vila Caramuru. A matéria de 2016 publicada na VICE⁸ por Sganzerla traz algumas explicações importantes de como se deu esse processo e conta como era o mercado até 2015, quando foi fechado para obras de requalificação da prefeitura. Segundo a matéria,

Apesar do nome, o lugar não vendia peixe: o complexo de bares, a maioria administrado por famílias pobres, servia bebida barata e comida caseira, trazidas por garçons chamados pelo nome pela clientela. Isso 24 horas por dia, sete dias por semana — um dos únicos locais de Salvador que não parava nunca. Não à toa, o espaço era considerado o fim de noite mais famoso da Bahia.

Deixando de ser o fim de noite mais famoso da Bahia de um público específico, os pequenos comerciantes do mercado são substituídos por outros, com “perfil” diferente. A simples mudança do nome do próprio local também seria uma maneira de criar outras memórias para a cidade e seus moradores. É importante considerar que reformas para aquele local eram também desejo dos antigos comerciantes, como aponta a matéria trazendo a fala de um deles que trabalhava há 30 anos no mercado, o Sr. Antônio Nunes de 65 anos. Segundo ele, o problema foi de que a revitalização e as obras não seriam pensadas para beneficiá-los, mas para tirá-los dali. O processo de *gourmetização*, ou seja, da privatização dos espaços marcada por uma estética que se repete em diferentes lugares para atender públicos específicos torna-se uma prática recorrente e uma tendência mercadológica mundial. Seguindo esse modelo, a Vila Caramuru se torna então espaço para consumo e turismo, de

⁸ “A história do desmanche do melhor fim de noite da Bahia”, apresenta a transformação pela qual passa o antigo Mercado do Peixe fechado em 2015 para dar lugar à Vila Caramuru. O mercado funcionou naquele local por mais de 30 anos. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/bmn3m3/desmanche-mercado-do-peixe-o-melhor-fim-de-noite-da-bahia. Acesso em: 29 maio 2019.

maneira diferente do que acontecia no Mercado do Peixe, prática possível de ser vista dentro de um entendimento alienante das relações entre sujeitos e espaços, abrindo mão de um sentido anterior dando espaço para que outras memórias sejam construídas de maneiras diferentes. Essa forma de alienação, da maneira proposta nesse artigo, passa por um processo de desmontar e remontar, deslocando e distanciando memórias, corpos, realidades e afetos.

3. Ao atentarmos para as movimentações entre interesses turísticos, da ação empresarial e participação do poder público que se consolidam nos últimos anos no entorno do Pelourinho, tomemos ainda outras realidades de (des)casos pelos quais passaram os feirantes da Rua do Couro na Barroquinha e que estão passando os moradores e artífices da Ladeira da Conceição. Na Rua do Couro havia uma feira tradicional onde os artesãos e vendedores comercializavam seus produtos, muitos deles vinham do interior da Bahia, que deixou de existir tal como era em função de obras de requalificação com a promessa de que haveria melhorias para os feirantes, quando na verdade, ao descer a Ladeira da Barroquinha após as obras, já não se vê a feira acontecer. Interesse da prefeitura e empresas para o espaço é criar e fortalecer atrativos culturais, com a Vila Cultural da Barroquinha. Segundo divulgação da Secretaria de Comunicação da Prefeitura em seu portal online, encontramos a notícia de 2016 (não paginado),⁹ divulgando:

O segundo edital do Programa de Incentivo ao Desenvolvimento Sustentável e Inovação (PIDI), que prevê incentivos fiscais para a região da Barroquinha, no Centro Histórico, com o objetivo de criar a Vila Cultural da Barroquinha. Dentre as atividades contempladas pelo edital da Vila Cultural estão galerias de arte, casas de espetáculos, teatros, cinemas, atividades de fonografia e fotografia, serviços gráficos, cafés, bares e restaurantes, agências de turismo e casas de câmbio, escola de artes e idiomas, lojas de artigos religiosos e lembranças da Bahia, livrarias, atividades de ofício tradicionais (barbeiro, alfaiate, sapateiro, carpinteiro, serralheiro). Com inscrições a serem iniciadas de imediato, o edital para a Vila Cultural beneficiará os imóveis localizados na Ladeira da Barroquinha, Rua Visconde de Itaparica, Rua do Curriachito, Rua Visconde de Ouro Preto, Ladeira das Hortas, Travessa Antônio Bahia e Largo de São Bento. A iniciativa visa incentivar a recuperação dos imóveis, além de impulsionar o funcionamento de atividades econômicas, atraindo empresas e, conseqüentemente, gerando empregos.

De fato, é importante estabelecer e incentivar espaços culturais para amplo acesso na cidade. Exposições e eventos que fomentam a cultura local acontecem, por exemplo, no Espaço Cultural da Barroquinha. Nessa localidade, funciona um complexo cultural relevante para Salvador, contando com o Cinema do Itaú – Cine Glauber Rocha, Teatro Gregório de

⁹ Para acessar essa notícia no portal da Prefeitura de Salvador, consultar o link. Disponível em: <http://comunicacao.salvador.ba.gov.br/index.php/todas-as-noticias/48962-prefeitura-lanca-iniciativas-para-ocupacao-e-dinamizacao-do-centro-antigo> Acesso em: 27 mar. 2019.

Matos, lojas tradicionais de produtos de couro, além da vista para a Baía de Todos os Santos. No entanto, a forma como se dão os processos, repetidas vezes atendem interesses de empresários que privilegiam a chegada de hotéis e venda de imóveis para geração de lucros.

4. O Fera Palace Hotel e a produção do espaço: Turismo – Cidade – Patrimônio. Este último, e talvez mais relevante neste artigo, é um exemplo que se relaciona e conecta os anteriores. Os três exemplos colaboram para pensarmos memória, ressignificação, deslocamento de corpos e afetos, alienação – aspectos estes de extrema importância no pensamento sobre cidade. A atuação e estabelecimento de um equipamento turístico importante para a cidade de Salvador, o Fera Palace Hotel, chama a atenção por diferentes razões e em distintas instâncias de poder.

Localizado na Rua Chile (bastante próximo ao Pelourinho e ao Espaço Cultural da Barroquinha), por sua vez parte do Centro Antigo de Salvador. Essa parte da cidade é alvo de diversos projetos e programas urbanos de revitalização, requalificação e conservação patrimonial, que partem do poder público nas esferas municipal e estadual, sendo também de interesse e investimento empresarial. É nessa região onde estão muitos dos atrativos que colocam Salvador no mercado turístico nacional e internacional, por seu valor cultural, histórico, turístico e patrimonial (SEI, 2013, p. 5). O hotel é um dos poucos da categoria de luxo na cidade e o primeiro da Bahia nessa categoria, e hospeda turistas com perfil específico desde que foi construído. Antes de ter sido comprado e reativado pelo empresário Antônio Mazzafera, do grupo Fera Investimentos, foi fundado em 1934 já na função de hotel sob o nome Palace Hotel, sendo referência em diversão e luxo até os anos 70 (MOURA, 2009). Cenário de um dos livros de Jorge Amado, o hotel hospedou figuras importantes como Carmem Miranda, fazendo parte da história e imaginário da Bahia. Após reformas de revitalização (ocorridas de 2014 a 2016), a obra teve incentivos fiscais para sua instalação - na expectativa de dinamizar a região do Centro Histórico (parte do Centro Antigo) - sendo reinaugurado em março de 2017. Sua história é resumidamente apresentada e descrita através do site de reservas do hotel¹⁰ (pela aba “história e arquitetura”, n. p), onde constava que

O Fera Palace Hotel herdou sua arquitetura triangular do famoso Flatiron Building, em Nova York. Localizado na parte mais alta da rua na inclinação que liga a Praça Castro Alves à Rua Chile, o Palace está sempre em destaque e evidência. Nesta revitalização, a fachada histórica será inteiramente restaurada e os elementos mais emblemáticos de seu interior serão evidenciados. Nosso trabalho irá conciliar a

¹⁰ Disponível em: <https://www.ferapalacehotel.com.br/historia-e-arquitetura/> Acesso em: 3 fev. 2019. Obs: As páginas virtuais do hotel e do grupo Fera Investimentos (<https://www.ferainvestimentos.com.br/>) passaram por constantes alterações e atualizações durante o período da pesquisa de mestrado da autora assim como ao longo da escrita deste artigo, diante disso, alguns direcionamentos do site podem apresentar erro (*Not Found*).

Turismo urbano, memória, alteridade: rompendo bolhas e resgatando imaginários em Salvador

essência do lugar com os aspectos mais contemporâneos de sofisticação, design e hospitalidade, restaurando ao Palace a “arte em hospedar”.

Há apenas dois anos de sua ativação e reinauguração os impactos que envolvem o hotel, mesmo em pouco tempo de funcionamento, são notáveis. Já que se constitui simultânea e mutuamente juntamente ao local e as diferentes dinâmicas ao seu redor, afeta e é afetado pelo contexto em que está situado. Beneficiado com isenção de impostos pela Prefeitura Municipal de Salvador, o empresário cofundador do hotel de luxo na Rua Chile (a poucos metros da Barroquinha e do Pelourinho), faz parte de uma poderosa articulação, como nos diz a matéria online da Folha de São Paulo (2015, p. 2)¹¹,

Em parceria com a Prefeitura de Salvador, o governo estadual e o Iphan (instituto do patrimônio histórico), Mazzafera e seus sócios tornaram-se os novos ‘donos’ da rua, que será ladrilhada com recursos do PAC e terá seus fios aterrados. Batizado de *Bahia District*, o projeto foi inspirado no *Meatpacking District*, zona inóspita de Nova York onde só funcionavam frigoríficos e que virou ponto turístico. ‘Em cinco ou sete anos, esses imóveis valerão o dobro; a região será revitalizada’, diz Mazzafera.

Outra mais recente, de abril de 2019, a matéria publicada pelo *The Intercept Brasil* dialoga com essa, apontando as consequências dessas revitalizações para os moradores da Ladeira da Montanha, também nas proximidades do hotel e indispensável mencionar. Os artesãos que vivem nos casarões em formato de arcos que sustentam a Ladeira da Montanha são herdeiros de ofícios tradicionais de matriz africana, alguns deles instalados no local há gerações. Diante de um processo de revitalização proposto pela prefeitura, a realidade em que vivem esses artesãos e moradores é de constante medo de despejos, já que por ocuparem os arcos há tanto tempo, alguns não possuem a escritura dos imóveis, como mostra a matéria. “Para dar lugar aos novos empreendimentos, as comunidades empobrecidas estão sendo ameaçadas de despejo na região. Sem dinheiro para comprar, reformar ou regularizar os imóveis, em grande parte condenados e com aluguéis em alta, a população pobre que vive no local é forçada a sair de lá” (*The Intercept Brasil*, 2019). Ou seja, enquanto incentivos fiscais são concedidos a hotéis de luxo como o Fera Palace Hotel ou o mais novo, Hotel Fasano, os moradores ficam condenados aos aluguéis em alta. É difícil acompanhar as tomadas de decisões para essa parte da cidade, o Centro Antigo e proximidades, quando as revitalizações propostas a cada dia avançam com rapidez, alterando de diferentes maneiras as dinâmicas ao redor.

¹¹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/06/1648531-grupo-compra-123-imoveis-e-pretende-revitalizar-o-centro-historico-de-salvador.shtml> Acesso em: 1 maio 2019.

Buscando aproximações a partir da memória, o Fera Palace Hotel expôs nos tapumes que envolviam as obras durante o processo de revitalização do edifício, algumas figuras icônicas que têm suas histórias relacionadas ao hotel (Carmem Miranda, Grande Otelo, Orson Welles...) na pretensão de resgatar os tempos de luxo da Rua Chile. Uma delas - e a qual daremos destaque mais adiante - é a Mulher de Roxo, figura histórica de Salvador. Na Imagem 1 ela é registrada como uma das homenageadas nesses tapumes.

Imagem 1 – Mulher de Roxo resgatada pelo Fera Palace Hotel



Fonte: Google Street View Photos (2015), retratando a Mulher de Roxo nos tapumes do Fera Palace Hotel.

4 Das possibilidades: a ideia de romper bolhas e dar passagem a alteridade

Visto as maneiras corporativistas e tendências neoliberais que dizem sobre formas hegemônicas de produção do espaço, iremos olhar para outra direção. Os Fazeres da cidade (discussão levantada no Simpósio Produção Imobiliária e Outros Fazeres da Cidade, em Salvador – junho de 2019), “dizem respeito a um conjunto mais diverso de agentes que atuam a partir de outras lógicas de produção da Cidade”¹², e pontua a atuação de múltiplos agentes que de fato fazem a cidade desde práticas e modos de vida distintos. Tendo esse entendimento

¹² Como consta na apresentação do simpósio que pode ser conferido pelo site do evento. Disponível em: <https://www.fazeresdacidade.com/apresentacao>. Acesso em: 12 ago. 2019.

em mente, considerar diferentes modos de vida e de produção do espaço para além das hegemônicas é indispensável, já que,

Entender a cidade fora de sua representação hegemônica é o primeiro passo para a compreensão da vivência subjetiva de quem nela habita, para a compreensão dos fenômenos psicossociais estabelecidos nas trajetórias de vida que sobre a cidade se lançam, considerando suas contradições. (NOGUEIRA, 2013, p. 80).

Sendo assim, também a atividade turística compreende os fazeres da cidade, implicando relações potentes e afetuosas e, ao mesmo tempo, nocivas e excludentes aos modos de vida urbanos. Uma observação importante nesse processo é que as diferentes maneiras de pensar a cidade devem considerar suas complexidades e contradições, concordando com Nogueira (2013). Importante para o turismo (mesmo que algumas vezes desconsiderada), a dimensão dos encontros ultrapassa os limites impostos pela cidade mercadoria e seus jogos de poder. Os encontros são capazes de ultrapassar formas de alienação que nos apartam e distanciam em um fora e dentro, sendo importante para a ideia de romper bolhas, sejam elas urbanísticas, turísticas ou ainda outras.

Mencionada anteriormente, a importância da Mulher de Roxo (uma das figuras que habitam o imaginário dos soteropolitanos) contribuirá para pensarmos sobre o lugar do turista, cidade, alteridade e memória. Com seu andar errante pela Rua Chile e redondezas, era vista como louca, foi conhecida principalmente pelas gerações de 1960 e 1970. No livro “Mulher de Roxo – a dona da Rua Chile.” Moura (2009, p.11) apresenta essa “lenda urbana” da seguinte maneira:

Ela está acima do tempo cronológico. Criou seu próprio espaço, abrindo caminhos pela Rua Chile ou Baixa dos Sapateiros, deixando sua marca devidamente registrada na memória do povo baiano. Diferente de outros personagens, a Mulher de Roxo não fez nada que a colocasse no hall da fama, não criou obra nenhuma, não escreveu nenhum romance, não compôs nenhuma música, muito menos fez sua história através de discursos e oratórias. Tudo o que ela fez foi estar presente nas ruas, todos os dias, durante trinta anos.

Percorrendo descalça as ruas, lojas, pequenos comércios e igrejas, manteve-se presente no cotidiano de quem vivia, trabalhava ou transitava pela região do Centro Antigo. No final dos anos 70, foi abrigada pelo Albergue Noturno da Prefeitura Municipal de Salvador (localizado na Baixa dos Sapateiros), mantido pela Secretaria de Saúde e Assistência Social, onde dormia e recebia refeições. Sua presença nos dias de quem cruzou o caminho com ela - ou no imaginário dos que ouviram as muitas versões sobre sua existência - inquietava, deslocava, incomodava, despertando sentimentos diversos a seu respeito. O simples fato de estar na rua, convivendo com as pessoas ao seu redor, fez dela personagem

memorável da cidade, potente em sua diferença e singularidade, como apresentado por Moura. Vivendo a Rua Chile num tempo em que não existiam shoppings, ela transitava pelas lojas mais importantes da cidade, luxuosas e frequentadas pela alta sociedade que tinham que conviver com essa figura desviante.

Sua presença por si só estabelece uma maneira de fazer cidade. A Imagem 2 retrata sua imagem em uma ruína urbana, um edifício decadente que teve sua fachada usada como mural de arte urbana.

Imagem 2 – Mulher de Roxo em Arte Urbana, pintura na fachada de edifício abandonado nos arredores do hotel (Ladeira da Praça – Salvador)



Fonte: Blog Grafiteiros Disponível em: <http://www.aartenarua.com.br/blog/grafiteiros-retratam-a-lendaria-mulher-de-roxo/mulher-de-roxo/> (2014)

Quando o turismo é planejado e concebido em bolhas, ou quando o urbanismo promove essa segregação, figuras como a mulher de roxo - apenas um reflexo e representação de outras presenças indesejadas para o planejamento urbano - são desconsideradas quando poderiam ser incluídas. O encontro com o outro, ou seja, alteridade, importa e é fundamental para constituir a própria cidade.

Romper bolhas, ao resgatar a Mulher de Roxo (ainda que de maneira autopromocional), é pensar sobre como o Fera Palace Hotel faz parte de uma dinâmica complexa urbanística e turística. O hotel, bem como outros equipamentos e fazeres da cidade,

podem simultaneamente contribuir para a preservação da memória local e intervir de maneiras nocivas. Muitas vezes incômodos e *fora de lugar*, a estranheza de figuras como a Mulher de Roxo e a presença do turista na cidade mobilizam sensações quando a alteridade é possível, permitindo flexionar o olhar no sentido de uma cidade-subjetividade, constitutivas mutuamente.

5 Considerações finais

Idealizando cidades, muitos urbanistas reduzem a complexidade das relações ao vê-la como um objeto, assim como acontece nos modelos concebidos para o setor turístico. Esse pensamento reducionista tem seus reflexos na cidade contemporânea. Daí a importância em compreender uma historiografia do pensamento urbanístico, permitindo uma postura crítica diante das medidas atuais que conduzem o fazer cidade, onde o Urbanismo enquanto dispositivo é utilizado pelo Estado e, muitas vezes, conduzido verticalmente sem a abertura para diálogo com quem habita essas cidades.

Da maneira hegemônica e corporativista como é construída e planejada a cidade contemporânea - com todos os conflitos e as muitas maneiras opressoras para com os moradores – outros fazeres e modos de vida resistem a estratégias e políticas de esquecimento, que por vezes têm atravessamentos com o turismo concebido em bolhas. Ainda assim, a cidade é ao mesmo tempo o lugar da partilha com brechas que dão passagem para a interação, estranhamentos e as trocas, permitindo a alteridade.

Para que seja viável atrair novos turistas, uma das medidas que diferentes instâncias de poder assumem (sejam municipais ou mesmo nacionais), dizem respeito à preservação e conservação do patrimônio – para além do arquitetônico – imaterial. Dentro disso, é importante pontuar o lugar da memória e o imaginário dos moradores para a história da cidade, centrais para o turismo. Considerando os exemplos apresentados ao longo desse artigo, é possível dizer que o Fera Palace Hotel (que apostou no resgate dos tempos luxuosos da rua em que está localizado, trazendo a Mulher de Roxo como parte disso) está inserido nessa dinâmica complexa e feita de muitas camadas.

A presença do outro, seja pela abertura ao estrangeiro quando este é o turista ou o próprio morador, trata-se da alteridade, fundamental quando a reflexão é a cidade e o papel dos atores que a fazem e constituem. É pela multiplicidade de modos de fazer que passa a atividade turística (entre outras tantas atividades e usos do espaço urbano). Assim, o planejamento do turismo e certamente do urbanismo precisa de agentes mais que dispostos a

olhar para as cidades a partir de sua complexidade (e não da maneira reducionista ou funcional). A intenção desse artigo é justamente refletir sobre complexidade, onde turismo e cidade são plurais e devem ser tratados conjuntamente, parte de um todo.

Sendo assim, essa discussão conduz às possibilidades a serem construídas se pensarmos para além das bolhas cotidianamente estabelecidas. Nisso, o papel da memória permite aproximações, e não distanciamento, driblando estratégias que intentam apagar existências. A Mulher de Roxo nesse contexto, representa a potência pelo imaginário, sendo a figura que reúne memória e ressignificação, ora cooptada pelos interesses empresariais, ora para refletir sobre os fazeres da cidade.

Referências

ALCÂNTARA, Maurício Fernandes de. Gentrificação. *In: ENCICLOPÉDIA de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2018. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/gentrificacao>. Acesso em: 19 ago. 2019.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 2003. Disponível: www.terraviva.pt/ilhadomel/1540. Acesso em 12 jan. 2019.

FERREIRA, Maria L. Políticas da memória e políticas do esquecimento. **Aurora: Revista de Arte, Mídia e Política** [Online], n. 10, 2011. Acesso em: 12 set. 2019.

FERNANDES, Ana. Decifra-me o te devoro: Urbanismo Corporativo, Cidade-Fragmento e dilemas da prática do urbanismo no Brasil. *In: GONZALES, Suely; FRASCISCONI, Jorge G.; PAVIANI, Aldo (org.). Planejamento e urbanismo na atualidade brasileira: objeto, teoria e prática*. São Paulo: Livre Expressão, 2013. p.83-107.

HAYLLAR, B. *et al.* **Turismo em cidades: espaços urbanos, lugares turísticos**. Tradução de Ana Paula Spolon e Jorge Camargo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

JUDD, D. R (1999). Constructing the tourist bubble. *In: D. Judd, & S. Fainstein (Eds.), The tourist city* (pp. 35-53). New Haven: Yale University Press.

MORAES, F. B.; GOULART, M. G. As dinâmicas da reabilitação urbana: impactos do Projeto Lagoinha. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo Puc Minas**, Belo Horizonte, v. 9, n. 10, p. 51-71, 2002.

MOURA, Patrícia de Sá. **Mulher de Roxo: a dona da Rua Chile**. 2. ed. Salvador: Assembléia Legislativa, 2009. (Coleção Gente da Bahia n. 5).

NOGUEIRA, M. L. M. **Espaço e subjetividade na cidade privatizada**. 2013. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais-UFGM, Belo Horizonte, 2013.

OLIVEIRA, M. F. S.; OLIVEIRA, O. J. R. Estado e turismo: trajetórias do caso baiano. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 12, n. 3, p. 384-398, 2012.

PINHO, Osmundo de Araújo. A Bahia no Fundamental: Notas para uma Interpretação Do Discurso Ideológico Da Baianidade. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 1998, vol.13, n.36, pp.-. ISSN 1806-9053.

SGANZERLA, Taisa. A história do desmanche do melhor fim de noite da Bahia. **VICE Brasil**, 2016. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/bmn3m3/desmanche-mercado-do-peixe-o-melhor-fim-de-noite-da-bahia>. Acesso em: 29 maio 2019.

SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **CAS - Centro Antigo de Salvador [livro eletrônico]**: território de referência. Salvador: SEI, 2013. Disponível em: <https://www.sei.ba.gov.br/images/publicacoes/download/cas/cas.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2019.

Submetido em: 30/09/2019
Aprovado em: 13/04/2020